

APENAS POEMAS

LESSPOLL

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA

De minha infância carrego memórias
E não mais os gostos
Tenho memória do que eu gostava
Mas não tenho mais prazer nos gostos

O doce costumava ser mais doce
As cores costumavam ser mais cores
Alegrias eram várias
Tristezas eram amenas

Mas não quero ser refém
Da tristeza ou desânimo
As coisas andam boas
As coisas andam

Quero carregar as memórias
Que são por si imutáveis
E nunca esquecer o que aprendi
Nunca esquecer quem já conheci

É tudo parte de um novo amanhecer

Se antes o sol era mais belo
Hoje ele é renovador
Se antes a lua era um mistério
Hoje ela é companheira

A vida é boa meu amigo

O mundo é o mesmo de anos atrás

Cabe a cada um carregar um pouco

Daquela criança sonhadora e alegre

Que se alegrava com coisas simples

E não esperava nada em troca

COSTUME?

Não consigo ter as risadas
Que todos possuem
Alegria disfarçada
Em músicas e programas
Ruins

E a tristeza e ansiedade
É como um tecido quente
Que nos dias frios me vestem

E mesmo que me torture
Na cabeça e corpo
Ainda acho melhor do que
Me juntar a eles

Longe de mim me achar
De qualquer modo que seja
Melhor do que eles
É só questão de saber o que gosto

E não há mal nenhum
E me afastar do que odeio
Conhecer seu inimigo
Nem sempre é preciso
É melhor não o conhecer
E nem lutar com ele

Deixo-os de lado

O QUE FAZEMOS

Alegria para disfarçar a tristeza

Bebida para distrair pensamentos

Drogas para espantar a melancolia

Amor para matar o ódio

Esporte para acabar com o tédio

É o que eles fazem

É o que fazemos

Uma parede

Uma barreira

Para não enfrentar os problemas

O CARRO

O carro era triste
Velho e triste
Pois onde seus donos o levavam
Não importava o caminho
Era sempre começo e fim
Saída e chegada

E as montanhas
Cujo sol se escondia
Em espetáculo
Todas as tardes?
Porque não paravam para ver
Sempre na pressa de correr

E o carro seguia velho
Triste e velho
Pois seus donos não se importavam
Com as montanhas
E com os lagos
Que no caminho cruzavam

O carro seguia
Abastecido e calibrado
Já não tinha esperança
Senão início e chegada
Senão começo e fim

Quantas cidades e florestas

Campos e mares

Quantas pessoas e estrelas

Quantas fazendas e lares

O carro de tudo

Via apenas um vulto

E não enxergava nada

Além de começo e fim

Início e chegada

Cada vez mais velho

Mais velho e mais triste

Quantas árvores cruzadas

Cujo corpos haviam juras de amor

De amores acabados

Quantos bebês nascidos

E cemitérios passados

Mas o carro de tudo

Só imaginava

Pois para seus donos

O caminho não importava

O carro então

Após o início e antes da chegada

Se despedaçou

Em um último suspiro:

"Cansado estou
De correr sem parar
Quantas luas cheias perdidas
Quantas paisagens deixadas de lado
Na correria de chegar"

E então na beira da pista
Enquanto seu dono praguejava
O carro enfim conseguiu
Em sua última visão
Observar no horizonte
A tarde se indo
E o sol de pondo

DECLARAÇÃO

Em seus cabelos eu me perco

Todas as vezes

Na torre

Na rua

Na cama

Renasço em seus beijos

Tão doces

quentes

Molhados

Meu vocabulário é pobre

E muito pequeno

Para me expressar como gostaria

Então em me expresso em gestos

No toque

No beijo

No abraço

O calor que você me dá

É o bastante para aquecer meu coração

E a minha alma de alegria

Sempre sorri

Quando ouve sua voz

Ou sua risada

DECLARAÇÃO 2

Tão claro como o sol
Tão profundo quanto o mar
é o meu amor
por você

Sei que posso parecer
um verdadeiro tolo
quando penso que
em um simples poema
sem rima
sem ordem
sem regras
eu possa demonstrar tal sentimento

parecer tolo quando acho
que uma simples flor
de qualquer tipo
de qualquer cor
possa chegar perto
do que eu sinto

Mas que minhas palavras possam
ainda que bagunçadas
e quase sempre sem sentido
aquecer seu coração
e te arrancar algum sorriso

NÃO SE

Não se toca as emoções

Ainda que sejam densas

Não se é feliz

Por toda a vida

Ouvi em uma canção

Que a vida é feita de tédio

Nos intervalos da emoção

E assim como o céu

Apenas se vê e não se toca

Mas nos contentamos em

Aproveita-lo nos dias ensolarados

A felicidade não se toca

A felicidade não se veste

A felicidade se aproveita

Nos dias de sol de nosso coração

TEORIA

Tenho a teoria em mim
De que todos os sentimentos
São consequências
Da tristeza ou felicidade

Não quero esnobar
Qualquer sentimento que seja
E que saia fora
Desses dois extremos

Mas é tudo em volta
De felicidade
É tudo em volta
De tristeza

É como se todo sentimento ruim
Fosse a serviço da tristeza
Assim como todo sentimento bom
Fosse a serviço da felicidade

E as pessoas pulam
De todo jeito
Com todo o seu esforço
Para o lado da felicidade

E se esquecem que
A balança se pende
De acordo com o lado
Em que se coloca o peso e esforço

Inevitavelmente então
Você vai abaixo
E precisa da tristeza
Para se equilibrar novamente

Manter a balança no meio
Ainda que difícil
É por vezes tedioso
E o ser humano odeia o tédio

E nessa complexidade
O homem vive dia após dia
Pendendo pra alguns dos dois lados
E tentando manter
Com garras e dentes

A LUA E O SOL

E a lua invadiu o céu
Mesmo durante o dia
E ao lado do sol
Dividiu o céu

Mas quem poderia
Chamar a lua
De invasiva?
O sol não reclamou

Mesmo opostos
Dia e noite
No céu a caminhar

E o sol tão gigante
Com toda a sua luz
Compartilhou todo o céu azul
Com a lua prateada

E aos poucos que restam
Notar esses detalhes
Entendem que é bobeira
Egoísmo e vaidade

O MENINO E A LUA

O menino nasceu
Em um dia de lua cheia
E do quarto do hospital
A primeira visão
Foi a da lua

Sua pupila cresceu
E como quando se acha
Um grande amor
Pela lua tão grande e brilhante
Se apaixonou

Os dias passaram
Como se precisam passar
E enquanto crescia
A lua se movia
Transitando entre noite e dia

Com a idade avançando
Cada vez mais
Observava todas as noites
Com seu esplendor
A lua no céu

Sofria e chorava
Quando a lua não aparecia
Na fase Nova e nas tempestades
Clamava sua presença
E com os olhos pesados dormia

Mas nas noites claras
Em êxtase se sentia
Com a lua no céu
Crescente ou cheia
Sorria

Eis que um dia se apaixonou
Mas não pela lua
E no seu coração
Dividido ficou
Entre lua e mulher

Com a idade avançada
Vieram as obrigações
Serviço;
Estudo;
Família

Cada vez menos
A lua ele olhava

Seus cabelos então
Começaram a ficar
Parecidos com a lua
Cinzas grisalhos

Vieram amores
Se foram amores
Vieram os filhos
Se foi a inocência

Já não enxergava a lua
Brilhante como antes
Era agora apenas
Um objeto qualquer
Que acima flutuava

O tempo implacável passou
E enquanto envelhecia
Na correria do dia a dia
A lua era exatamente a mesma
E no céu ainda corria

Com o tempo chegou a velhice
Com a velhice chegou a doença
Dia a dia esquecendo
Das pessoas
E dos momentos

Mas sentava todas as noites
Na varanda de casa
E com um grande sorriso
Ele renascia todas as vezes
Que a lua aparecia

O neném no quarto de hospital
Que nasceu vendo a lua
Virara o homem
Que na varanda de casa
Em uma noite de lua cheia
Adormeceu para sempre
Com um sorriso no rosto

RELATIVIDADE

São muitas as palavras

E significados

Que são relativos

Cada um carrega sua própria visão

Liberdade

Fé

Alegria

Tristeza

Sucesso

Glória

Bom

Ruim

Missão

Decadência

OMISSÃO

Não se julga aquilo

Com o que não se concorda

Nem se admite

Aquilo que se discorda

Quem omite o que sente, mente a si mesmo

Quem mente a si mesmo

Consente com o que

É o contrário

De si

O MELHOR DE MIM (SI)

O melhor de mim

Terão aqueles que darem

O melhor de si

De dono da razão

Eu passo longe

Tenho as minhas próprias

As brigas que compro

As guerras que travo

São da minha conta

O preço que pago

É exatamente o preço

Que posso pagar

TRÊS RE

Repenso

Reflito

Repenso

E as vezes

Caio

Na mesma

Armadilha

E então

Repenso

Reflito

Repito

NASCIMENTO

Nasceu ali

Naquela esquina

Uma esquina normal

Em um dia normal

Com um movimento normal

Uma ideia

Anormal

BEIJA FLOR

O beija flor azul

Acostumado com sua água

Todos os dias na velha varanda

O velho visitava

O velho alegrava

Com sua visita

E a água fresca no pote

Ele sempre mantinha

Fosse com chuva

Fosse com sol

O beija flor sempre aparecia

E o velho sempre sorria

Eram como

Velhos companheiros

O velho usava um chapéu

E o beija flor, que se tornara velho

Aprendera a repousar

No chapéu do velho

Na sua solitária

velhice

O velho encontrara

uma companhia

Mas teve um dia
Que a água doce
Não esvaziou:
O beija flor não aparecera

Nesse dia o velho não sorriu
Assim como os dias que se passaram
E nenhum passarinho cantando
Um sorriso do velho tirava

Agora estava novamente
Sozinho
Em sua varanda
Com o seu cachimbo

Chegara então o dia
Em que o beija flor voltou
E o velho sorrindo
O alimentou

E foi assim que o velho
Foi achado
Com um sorriso no rosto
E de olhos fechados

O CENTRO

O centro da cidade
De certa forma me inspira
Com sua praça lotada
De pessoas e sujeiras

Os bancos com
As suas imensas filas
Com pessoas atrás
Do seu pão de cada dia

Fumantes sugam a fumaça
De suas bombas relógios
E outros imploram de joelhos
Dentro da catedral

O gigante som da vassoura
Da moça que varre
De cabeça baixa
De fala mansa

Os músicos que buscam as notas
Em seus instrumentos
Esperando um lamento
Esperando uma moeda

Há aqueles que passam
Com olhar de sono
De levantarem cedo
Contra a sua vontade

Os que rolam os dedos
Na tela do celular
Em busca de novidades
Em busca de se encontrar

São tantas as coisas
Que me inspiram
Aqui no centro da cidade
Com a praça limpa

VERSÕES

Várias versões de mim
Já sentaram na praça

O inocente
O de coração quebrado
O apaixonado
O raivoso
O triste
O feliz
O esperançoso
O calado
O falante

E a praça mudou
Assim como mudei
E hei de mudar
Assim como
A praça há de mudar

Várias versões da praça
Já sentei

VERBO

O verbo falar

Todos conjugam

Em todos os tempos

No passado, presente e futuro

Eu

Tu

Ele

Nós

Vós

Eles

Mas e quanto

Ao verbo fazer?

Tu fazes?

AS RUGAS

Se conhece muito alguém
Olhando apenas suas rugas do rosto

Quem muito sorri
Quem muito chora
Quem não enxerga tão bem
Quem se apavora

As rugas marcam o rosto
De todos aqueles que
Sentem muito
Qualquer emoção

As rugas são grandes
Contadoras de histórias

VENTO

O mesmo vento gelado

Daquela manhã

Foi o que banhou

Não só a mim

Mas ao ladrão

O corrupto

O leal

O desleal

O branco

O negro

A mulher

O homem

E a todos aqueles

Que estavam vivos

O vento é como a sorte

Não escolhe cor nem caráter

Não escolhe classe social

Nem escolhe coragem

Banha a todos

Que tiver de banhar

E quanto a mim e você?

Resta

Respirar

CONHECIMENTO

Quanto mais conhecemos
Algum assunto qualquer
Mais tolos ficamos
Em relação aquilo

Quanto mais se entende
Sobre poesia
Mais regras são jogadas
Em todos os versos

Quanto mais se entende
Sobre música
Mais notas complexas
Quer se jogar sobre elas

E tudo isso cansa
A todos ouvintes e leitores

No começo o fascínio se dava
Pelo som ou sensações
Que as notas e poemas
Trariam

Depois tudo fica regrado
Se joga regras e complexidade
E se perde o simples fato
Do fascínio

ADORAÇÃO

Costumamos adorar pessoas e ídolos

Pelas imagens que formaram deles

Mas no fim são comuns

Tão comuns quanto a gente

Sorriem e choram

Amam e odeiam

Não se adora a pessoa em si

E sim a imagem que se formou

Amar ou adorar alguém

Que se conhece intimamente

É totalmente diferente

E muito mais **difícil**

DIFERENTES DORES

Com estômago vazio

E com a tristeza cheia

Me sentei na lanchonete

Em uma tarde de sábado

Em minha pequena cabeça

Com o orgulho cheio

Por achar as minhas dores

Maiores que a de todas as pessoas

Um velho se sentou

No banco ao meu lado

Um filho havia perdido

Pouco tempo atrás

Que tamanho egoísmo

Havia dentro de mim

Existem dores em todos

E de formas diferentes

Não uso de escada

Nenhum tipo de tragédia alheia

Para alcançar quem sabe

A alegria plena

Nem me reconforta

Saber de dores tão gritantes

Que outras pessoas

Podem carregar

Terminei de comer

E me retirei

Com a tristeza intacta

E com o estômago cheio

MEDO

O

medo

me

faz

Chegar

cada

vez

mais

perto

Daquilo

que

eu

Tenho

mais

medo

De

me

tornar

DE OLHO

Sempre de olho

Nos detalhes

Nas frases carregadas

De mensagens

Nós gestos mais

Pequenos

Que escondem algo

Grandioso

Nos olhares tortos

Nas risadas sem graça

Serão um fato consumado

Ou uma verdade

Criada?

Minha mente prega peças

EU SEI

PALADAR

Cada gota de adoçante

Que cai em meu café

Torna tudo mais doce

Algo incrível e pouco notado

É o paladar

Todos concordam que o doce é doce

Mas nem todos gostam do doce que é

A pimenta arde em todas as línguas

O amargo faz careta em todas as faces

Há quem goste de ambos

Há quem corra de ambos

FAMÍLIA

Família

Pai, mãe e filha

Sentados no café

Para o pai, pão na chapa

Para a mãe, um café

Para a filha, um bolo

Tanta história sentada

Que já foi escrita

Tanta história que falta

Na folha em branco

Duas histórias que juntas

Escreveram um novo ser

Se eu gosto ou não, eu não sei

Chegou meu café

EM CHAMAS

A serra ardia em chamas

Em um dia de domingo

O céu estava azul

O dia estava lindo

Em cada carro que transitava

Na minha direção contrária

A fumaça escondia

O rosto de quem passava

A natureza não chorava

Já não havia mais lágrimas

A chama ressecava a terra

E as árvores ela queimava

Aonde era o verde

O preto agora dominava

As grama que estava tão seca

Agora estava torrada

O macaco afugentado

O asfalto invadia

Correndo o risco do atropelo

Pra escapar da morte queimada

No fim da serra o azul do céu

Já não aparecia

Mas não era a chuva esperada

E sim a fumaça que subia

NO ALTO DA MONTANHA

Sentado na pedra

A 2 mil tantos metros

De altitude

Pensando nos atos e fatos

Nas tantas tomadas e faltas

De atitudes

Peço a vida e a você

Que tanto apanha nesse mundo

Que ature

Que quando os dias nublados vierem

E o sol parecer distante

Se segure

Que sentimentos ruins jogue fora

Que em sentimentos bons

Se misture

A FONTE

A fonte em que bebo
De meus poemas e músicas
Que tolo fui ao achar
Que era fria e escura

Há também a água quente
Para banhar o meu corpo
Há também a límpida
Para matar a minha sede

E nessas águas todas as noites
Vejo também as estrelas
E vejo meu rosto
E vejo mais gostos

Na margem é rasa
E posso molhar os meus pés
Mais a frente é funda e escura
Mas é através dela que vejo a lua

Seriam reflexos de mim?
Não sei
Seriam reflexos do que serei?
Talvez

A fonte que bebo
De minhas músicas e poemas
Que tolo eu fui em pensar
Que poderia me afogar

SEXTA-FEIRA

Em plena sexta feira a tarde
Quando o sol se escondia
Atrás de nuvens brancas e cinzas
E o ar de chuva aparecia

Sentado na lanchonete
De um supermercado
Sentindo a brisa da chuva
Que se aproximava

As montanhas em cinzas
Clamavam por água
E o tempo esquisito eu já não sabia
Se era mormaço ou fumaça

Mas os carros transitavam
Inclusive eu
E ninguém parecia notar
Eu notava

Ainda era inverno
Mas parecia verão

IPÊS

Os ipês preenchiam a cidade

De norte a sul

De leste a oeste

Amarelos como o sol

Tomavam toda a atenção

Esperança!!!

É o que eles traziam

Dias melhores eu já avistava

Já sentia a brisa

Abram seus olhos

Abram suas almas

Estejam atentos aos sinais

Eles estão em todos os lugares

Assim como os ipês

Renovação!!

Eles também anunciavam

Até ontem estavam sem folhas

Hoje enchiam a cidade

Os ipês preenchiam o horizonte

E o coração

De todos aqueles

Que observavam

PESSOAS E NUVENS

As pessoas são como nuvens
Sozinhas e espalhadas pele céu
Não fazem nada
Além de nos dar alguma sombra
Vez em quando

Mas juntas são diferentes
Juntas mostram o poder
Ficam negras, trovejantes
E trazem a chuva
Que semeia e banha

ANTES DO SONO

De grito em grito
Fazem-se os escândalos
Eu vivo e corro
Mas também ando

De esquinas em esquinas
São onde se acham os estranhos
Eu trombo comigo mesmo
Em todos meus sonhos

Não bastasse a insônia
Em dias escuros
O cobertor é o medo
Medo do futuro

E a luz do meu quarto
Não ilumina o quanto eu queria
A madeira velha da parede
Em meu ouvido grita

Os sussurros dos gatos
Os latidos dos cachorros
Os cantos dos galos
São tudo o que ouço

E meus poemas incertos
Que já viraram até livro
Me fazem companhia
Neste quarto antigo

O SOM ANTES DO SONO

Pessoas dormem a noite
Mas os caminhões trafegam
Carregados, pesados
Abastecendo o país

Só se ouve o barulho
Dos caminhões que passam
Pais de famílias que buscam
O sustento de casa

Solitariamente nas rodovias
Sob as estrelas no céu
Trocando os dias pelas noites
Carregando mercadorias

E

Coragem

VELHA CASA DE MADEIRA

Quando eu me mudei
Para essa casa de madeira
No começo tudo era novo
Embaixo daquela velha casa

Os carros que passavam
Dia e noite no asfalto
Tomavam boa parte da minha audição
E era difícil pegar no sono

A casa estralava dia e noite
Devido a mudança do clima
Estralava quando frio
Estralava quando quente

E os pássaros habitavam o telhado
Com ninhos e mais ninhos
E todos os dias, de segunda domingo
Faziam festa pela manhã

O céu e as estrelas
Eram o maior espetáculo do lugar
Juntamente com a lua quando aparecia
Roubando a atenção do céu

Hoje em minha cama já nem percebo
Os carros que passam na estrada
Nem me assusto com os estalos noturnos
Nem xingo os pássaros pela manhã
Nem mesmo o céu a noite eu reparei

Quando me mudei
Pra essa casa de madeira
Não pensei que o novo
Velho ficava

ARRISCADO

Eu temia arriscar

Até que tentei

Eu tentei arriscar

Até que me apaixonei

Eu me apaixonei em arriscar

Até que consegui

Eu consegui

Até que viciiei

Eu viciiei em arriscar

Até que temi